



ISSN: 2595-5713

Vol. 06 | N°. 12 | Ano 2023

**Celestino Maquina Chiquete**

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano  
[ivaldomarciano@gmail.com](mailto:ivaldomarciano@gmail.com)

Alexandre António Timbane  
[alexandre.timbane@unilab.edu.br](mailto:alexandre.timbane@unilab.edu.br)

# RITUAL DE PROTEÇÃO PESSOAL CONTRA PERIGOS IMINENTES, FEITO COM A PLANTA CHELENE, NA MATALA - SUL DE ANGOLA

RITUAL OF PERSONAL PROTECTION AGAINST IMMINENT DANGERS, MADE WITH THE CHELENE PLANT, IN MATALA - SOUTH OF ANGOLA

**RESUMO:** Desde o surgimento do Homem na face da Terra, as plantas têm sido usadas para sua alimentação e para curar enfermidades. No presente artigo, descreve-se um ritual realizado com Chelene, uma planta existente em Matala, Sul de Angola. Este ritual tem como objetivo proporcionar garantia e proteção pessoal contra o mau olhado e os vários perigos advindos do mundo espiritual. Na região, Chelene é considerada uma planta mística, e alguns criminosos recorrem ao seu uso ritualístico para se protegerem durante a realização de seus crimes, de forma a não serem identificados pela polícia nacional e pelas autoridades judiciais. O ritual realizado com a planta Chelene era comum nos períodos de escravidão e colonização em Angola. Segundo a tradição oral, acredita-se que essa planta tenha sido de grande ajuda para os escravos no contexto dos castigos corporais e também tenha evitado que muitos jovens fossem submetidos ao trabalho forçado.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ritual; Proteção Pessoal; Chelene; Losande; Matala.

**ABSTRACT:** Since the emergence of mankind on Earth, plants have been used for both nourishment and the treatment of ailments. This article provides a description of a ritual involving Chelene, a plant found in Matala, Southern Angola. This ritual is performed to provide personal assurance and protection against the evil eye and various dangers arising from the spiritual world. In the region, Chelene is considered a mystical plant, and some criminals resort to its ritualistic use to protect themselves when committing crimes, in order to avoid identification by the national police and judicial authorities. The ritual involving the Chelene plant was common during the periods of slavery and colonization in Angola. According to oral tradition, it is said to have greatly aided slaves in the context of corporal punishment and also prevented many young individuals from being subjected to forced labor.

**KEY WORDS:** Ritual; Personal Protection; Chelene; Losande; Matala.

# RITUAL DE PROTEÇÃO PESSOAL CONTRA PERIGOS IMINENTES, FEITO COM A PLANTA CHELENE, NA MATALA - SUL DE ANGOLA

Celestino Maquina Chiquete <sup>1</sup>

## Introdução

A raça humana sempre manteve uma estreita relação com as plantas, e com o surgimento da agricultura o uso delas tornou-se fundamental, principalmente para a alimentação e a cura de enfermidades. O uso, a manipulação e a forma de preparo das plantas se transformaram em uma arte transmitida entre os mais velhos e seus discípulos desde a antiguidade (NASCIMENTO, 2017).

As comunidades constroem seu conhecimento ao longo de suas experiências, por meio do contato constante com a natureza, e o conhecimento adquirido é passado de geração em geração. No que diz respeito ao mundo vegetal, em parte do que hoje se denomina Angola, entre os Handa, no Sul do país referido, reconhece-se a existência de plantas com poderes especiais, muitas das quais são mais frequentemente usadas em rituais de purificação. O objetivo deste artigo é apresentar uma descrição do ritual realizado com a planta Chelene, suas características miraculosas de proteção pessoal contra malefícios e como esta cerimônia é apontada como possibilidade que pode resolver questões jurídicas para o indivíduo. Nas diversas culturas dos povos ditos de línguas Bantu, plantas consideradas místicas são usadas em rituais para proteger o indivíduo contra malefícios e afastar os maus espíritos. Normalmente, o ritual é administrado pelo Cimbanda, devido às suas habilidades extraordinárias na mediação entre os humanos e os ancestrais (ROSA, 2008).

As práticas rituais, em alguns casos realizadas com folhas e raízes de plantas místicas, não apenas servem para proteger contra o mau-olhado, mas também atendem a várias outras finalidades, como restaurar a confiança social quebrada, resolver dificuldades financeiras, garantir sorte no amor e influenciar a realização de desejos pessoais. No entanto, além da realização do ritual com a planta mística Chelene, para a concretização desses desejos, é imperativo o uso adicional de um amuleto, que pode variar entre colar, pulseira ou cinto. O amuleto simboliza a constante presença dos ancestrais no controle de todos os aspectos da vida da pessoa (REIS; SILVA, 1989).

## As plantas medicinais

---

<sup>1</sup> Professor do Ensino Secundário ‘‘Joaquim Kahuvi – Matala’’ (Angola). Mestre em Ensino da História da África pelo ISCED – Huíla (Instituto Superior de Ciências da Educação - Huíla). [celestinomaquinaa@gmail.com](mailto:celestinomaquinaa@gmail.com)

A Organização Mundial da Saúde caracterizou e definiu as plantas medicinais como qualquer vegetal que contenha substâncias com capacidade terapêutica, obtidas a partir de seu fruto, folha, raiz, caule ou casca, e que exerça efeitos antimaláricos, antidiabéticos, anticancerígenos, antiulcerogênicos, antivirais, anticolesterol, antibacterianos, anti-inflamatórios, antiprotozoários, antifúngicos, antihelmínticos, antidiarreicos, anti-hepáticos, hipotensores, espasmolíticos, diuréticos, cardiotônicos, adstringentes, tranquilizantes, antialérgicos e anestésicos (VEIGA; PINTO, 2005). O uso de plantas para fins terapêuticos pelo ser humano é antigo, remontando a 2.600 a.C. na Mesopotâmia. Outros historiadores apontam a Civilização da China Antiga como pioneira na domesticação de plantas para uso medicinal no tratamento de certas doenças (RIBEIRO; GUIMARÃES, 2013, citados por CASTRO, 2022).

Acredita-se que o uso de plantas com propriedades curativas para enfermidades humanas tenha mais de 50.000 anos de existência, desde os tempos em que o Homem Primitivo necessitava encontrar soluções para diversos desafios de sobrevivência, como nutrição, reprodução e proteção. Aqueles que detinham o conhecimento e a habilidade para identificar e selecionar plantas benéficas eram considerados mestres e guardiões da vida (DEVienne et al., 2004). As plantas presentes na natureza podem produzir substâncias químicas que, quando ingeridas ou aplicadas na pele, podem ter efeitos benéficos ou prejudiciais à saúde. Portanto, é imperativo que as plantas sejam estudadas sob uma perspectiva toxicológica, química e farmacológica antes de seu uso. Esses conhecimentos foram adquiridos ao longo do tempo, por meio do constante contato do ser humano com a natureza, da qual ele obtém recursos para sua sobrevivência, e são transmitidos para as gerações subsequentes (RITTER et al., 2002).

Após o surgimento da biomedicina, essa coexistiu com a medicina tradicional em diferentes períodos da história. Em alguns momentos, a medicina tradicional foi desprezada, considerada supersticiosa e relegada a um segundo plano pelas sociedades modernas e não apenas por elas. No entanto, as tendências mais recentes no mercado de saúde mostram um aumento do interesse das pessoas em diferentes sociedades, que buscam mais centros de tratamento que utilizam ervas e procedimentos naturais (ELSA, 2014).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 2003, apresentou um relatório de uma pesquisa realizada em 191 estados membros. Os resultados demonstraram que 25 países têm desenvolvido políticas governamentais que incentivam a sociedade a utilizar a medicina tradicional. Esses países incluem tanto aqueles do Norte quanto do Sul global, onde parte da população opta pela medicina tradicional como alternativa à denominada por “científica”. No mesmo relatório, a OMS apresenta o percentual de alguns países da Europa e de outras regiões que ainda confiam na medicina tradicional como alternativa. Por exemplo, na União Europeia, o

percentual é de 24%, na Austrália é de 46%, na Bélgica é de 31%, no Canadá é de 70%, na França é de 49% e na África é de 80%. Além disso, a OMS também destacou alguns países que regulamentaram o uso da medicina não tradicional (OMS, 2003).<sup>2</sup>

### As plantas místicas

Na Etnobotânica, as plantas são conhecidas pelas comunidades devido aos inúmeros contatos com elas na natureza e são normalmente usadas em diversas categorias, como medicinais, construção, alimentação, comércio, artesanato e curas místicas. Desde o período do imperialismo e a subsequente colonização pelos europeus em todo o mundo, as plantas com poderes místicos foram e continuam sendo alvo de estudos constantes, pois eram essas plantas que os ameríndios e “africanos” usavam em certos momentos para resistir à dominação estrangeira. O alecrim é considerado uma planta com capacidades místicas na cultura do povo Yoruba, na Nigéria, conhecida como Sawéé. Ela é usada em rituais para garantir circunstâncias futuras agradáveis para camponeses e trabalhadores. O ritual é realizado quando a criança completa sete anos de idade, e acredita-se que o aroma do alecrim penetra nas entranhas da criança, transmitindo um ambiente positivo em seu mundo espiritual e afastando o mal de seu futuro trabalho (OMOLUBÁ, 1994).

A arruda também é uma planta mística usada no Brasil, principalmente pelos ditos afro-brasileiros, até os dias de hoje, com o propósito de afastar o mau-olhado e o azar. Um banho é feito esfregando as folhas em todo o corpo da pessoa para purificá-la da má sorte. Alguns acreditam que o uso da planta garante sucesso nos negócios, afasta a inveja e a consideram uma planta protetora contra doenças em casa (DECELSO, 1973). Outra planta mística digna de destaque é conhecida pelos ditos afro-brasileiros na Bahia, Brasil, como Guiné Pipio. Ela é utilizada em rituais de banho para desfazer o mal causado por alguém. Durante a época da escravidão no Brasil, algumas escravas adicionavam essa planta ao chá de seus patrões, o que causava sonolência, inquietação e graves perturbações mentais quando usada frequentemente (LORENZI, 2008).

O Chelene é considerado uma planta mística na região Sul de Angola e possui propriedades peculiares que atraem os espíritos dos ancestrais quando invocados. O Cimbanda invoca os espíritos dos ancestrais para intervir na resolução de problemas sociais, garantir proteção pessoal contra diversos males e proporcionar sorte em meio às várias dificuldades. Concretamente, não é a planta em si que garante esses prodígios de proteção pessoal, mas sim a sacralidade contida no ritual pela intervenção dos ancestrais, que, por sua vez, recebem poderes do espírito maior, Zambi (RIBAS, 1958).

---

<sup>2</sup> OMS. Estratégia da Organização Mundial da Saúde de Cooperação com os Países: Angola 2002-2005. Escritório da OMS em Angola, 2003.

## Rituais de proteção pessoal com *Chelene*



Fonte: Arquivo do autor (2023)

O nome científico da planta Chelene é 'Lippia Alba', pertencente à família Verbenácea. Sua morfologia é variável, com ramos finos, quebradiços e arqueados, folhas opostas e elípticas de largura variável (IRENE et al., 2011). É uma planta aromática típica da América do Sul, Ásia e África, e é altamente valorizada na medicina tradicional. Diversas culturas ao redor do mundo recorrem às suas vantagens terapêuticas. No Brasil, por exemplo, é conhecida como cidreira-de-arbusto, e seu chá é muito apreciado devido às suas propriedades analgésicas, antiespasmódicas e anti-inflamatórias (LORENZI; MATOS, 2021). Na língua nacional Umbundo, em Angola, a planta é chamada de Chelene e é abundante na flora da região Sul de Angola. Ela é arbustiva, possui folhas de coloração verdejante e flores lilás-amareladas. O ritual realizado com a planta Chelene por um Cimbanda e o subsequente uso de um amuleto garantem vários benefícios àqueles que necessitam. Agora, descreveremos a importância do uso do Chelene durante os períodos de escravidão e colonização em Angola.

Dentro do conhecimento do Cimbanda e sua conexão com o mundo espiritual dos ancestrais, suas atividades voltam-se sempre para o bem. A manipulação de objetos sagrados e plantas místicas pelo Cimbanda é o que mais caracteriza os rituais de proteção pessoal com poderes ocultos dos ancestrais. Assim como os animais selvagens usam camuflagem para se protegerem de predadores, alguns povos de língua Bantu, em Angola, aplicam seus conhecimentos milenares para adquirir a capacidade de camuflagem quando enfrentam um perigo iminente que possa prejudicar sua integridade física (AZEVEDO, 2015). Na realidade do Município da Matala, no Sul de Angola, a maioria das pessoas que buscam serviços de camuflagem são jovens que desejam utilizar essas habilidades para atividades criminais, a fim de evitar serem vistos ou capturados pela polícia. O tratamento ritualístico é conduzido pelo Cimbanda, que utiliza a planta Chelene para

friccionar suas folhas, produzindo uma seiva escorregadia que é aplicada em todo o corpo da pessoa durante a ablução, resultando em efeitos extraordinários de camuflagem.

O povo Ambundu em Angola realiza um ritual conhecido como Kuipa (anular ou guardar), que concede a capacidade de metamorfose ao indivíduo. Nesse ritual, após a ablução, o Cimbanda pendura amuletos de madeira e pele de camaleão em uma corda e os coloca na cintura da pessoa que deseja adquirir a capacidade de camuflagem. Assim, quando a pessoa estiver em perigo, poderá se transformar em diferentes animais, como águia, cão, rola ou jacaré, dependendo do ambiente. Essa ciência de proteção pessoal por meio da camuflagem só pode ser administrada pelo Cimbanda, o guardião desse conhecimento. Portanto, se alguém utilizar esse ritual para se proteger de responsabilidades criminais, como roubo ou homicídio por ganância, ele será considerado Ndingãvi, não por estar protegido com o Chelene, mas por ter cometido atos criminosos (RIBAS, 1958).

### **O uso do *Chelene* na época da Escravidão**

O uso do Chelene no final do século XVIII por alguns povos em Angola estava relacionado à proteção contra o tráfico de escravos e a própria escravidão, em um contexto em que o continente africano foi palco dessa atividade comercial ilícita, inicialmente realizada por árabes e, posteriormente, por europeus.

Quando se discute a escravidão e o tráfico de escravos, muitos estudos de historiadores e pesquisadores destacam os movimentos de resistência dos escravos que buscavam desesperadamente a sua liberdade das condições adversas em que viviam. Os atos de coragem e heroísmo costumam ser associados aos escravos que estavam nas Américas, como nas Caraíbas, Hispaniola, Brasil e outras regiões onde havia um grande número de escravos. No entanto, é importante reconhecer que os indícios de resistência dos escravos começaram em solo africano, e foi lá que desenvolveram práticas de fuga que posteriormente foram aplicadas nas Américas. Muitos escravos africanos recorriam ao uso ritualístico do Chelene para evitar serem capturados, tanto pelos europeus em conflitos, quanto por seus próprios compatriotas durante vendas. Além de servir como proteção pessoal contra a escravidão, essa prática também buscava conquistar a simpatia e o tratamento favorável de seus senhores, evitando abusos físicos (JOSÉ, 2005).

Durante o período da escravidão, africanos que foram transportados para o Novo Mundo recorriam a práticas ritualísticas que envolviam o uso de ervas e raízes para se protegerem de seus senhores. Essa foi uma forma de resistência não explícita, diferenciando-se das fugas, suicídios, boicotes à produção e revoltas. As práticas ritualísticas envolvendo folhas e raízes de plantas místicas não apenas protegiam os escravos de maus-tratos, mas também atendiam a uma variedade

de interesses, como restaurar a confiança quebrada com os senhores, superar dificuldades financeiras, garantir sorte no amor e influenciar a busca pela liberdade (REIS; SILVA, 1989; SOUZA, 1986).

Outra perspectiva do uso ritualístico do Chelene estava relacionada aos escravos fugitivos. O trabalho árduo e cruel dos escravos em Angola frequentemente incentivava fugas para retornar às suas áreas de origem ou buscar lugares onde pudessem encontrar proteção. No final do século XIX, houve um aumento significativo no número de fugas de escravos em Angola. Muitos desses escravos recapturados exibiam marcas de maus-tratos, doenças terminais e até amputações de membros. Anúncios em jornais ofereciam recompensas pela recaptura de escravos fugitivos, não porque esses fossem valiosos para a produção econômica de seus senhores, mas para puni-los publicamente como exemplo. Quando recapturados e identificados por seus senhores, a maioria deles era integrada ao trabalho agrícola ou atuava como carregadores, enquanto alguns trabalhavam como ajudantes de carpinteiros, ferreiros, ourives e empregados de mesa nas casas de seus senhores (ROQUINALDO, 1998, citado por JOSÉ, 2005).

Portanto, quando um escravo fugia, ele tomava cuidado para não ser recapturado e, ao estabelecer-se em uma área segura, buscava o tratamento ritualístico com a planta Chelene para se proteger e evitar a recaptura. Mesmo que fosse recapturado, ele poderia contar com a simpatia de seu amo e ser perdoado por sua atitude. Durante o período da escravidão em Angola, era comum que, quando um filho cativo retornasse à comunidade após uma fuga, os anciãos da aldeia procurassem um Cimbanda para realizar o ritual de proteção, garantindo que seu amo e as autoridades escravistas não se interessassem por ele.

### **O uso do *Chelene* na época colonial**

O processo de abolição da escravatura em Angola e a subsequente implementação do "Regulamento do Trabalho dos Indígenas das Colônias" pela coroa portuguesa revelam um período complexo na história colonial de Angola.

Bernardo de Sá da Bandeira desempenhou um papel importante nesse contexto ao decretar a proibição do tráfico de escravos das colônias portuguesas para as Américas em 1836, e ao promulgar outro decreto em 1875 que orientava a libertação de todos os escravos nas colônias portuguesas de África. Embora a data oficial da liberdade dos escravos de ambos os sexos nas colônias portuguesas em África seja 25 de fevereiro de 1869, o dia 28 de Abril de 1875 é considerado por muitos como a data oficial da abolição da escravatura em Angola. No entanto, a abolição efetiva da escravatura em Angola ocorreu somente em 29 de abril de 1878 (AZEVEDO, 2015).

Após a abolição da escravatura, a coroa portuguesa introduziu o "Regulamento do Trabalho dos Indígenas das Colónias", que vigorou de 1926 até 1961. Esse regulamento permitiu a aquisição de mão de obra através do "Trabalho Forçado", que foi usado nas plantações de cana-de-açúcar, cacau e café em São Tomé e Príncipe. O "Trabalho Forçado" em alguns momentos foi ainda mais penoso do que a própria escravidão (JERÓNIMO, 2010).

Nesse contexto, os jovens que desejavam escapar da exploração da força de trabalho impostas pelo colonialismo enfrentavam desafios significativos. Fugir de suas aldeias era uma opção, mas se os Sipaios percebessem o envolvimento dos pais na fuga do filho, estes seriam levados em substituição ou teriam que pagar um alto valor em escudos. Mesmo aqueles sem recursos financeiros tinham que pagar com gado bovino e produtos agrícolas. Diante dessa realidade, muitos jovens optavam por não fugir das rusgas dos Sipaios e recorriam às práticas ritualísticas do Chelene para garantir proteção pessoal e liberdade de circulação. Surpreendentemente, os Capatazes e Sipaios frequentemente não tinham vontade de capturá-los, e eles não eram denunciados pelos responsáveis das comunidades coloniais (JERÓNIMO, 2010).

Essa história ilustra a complexidade das lutas pela liberdade e contra a exploração durante o período colonial em Angola, com o Chelene desempenhando um papel importante na proteção pessoal e na resistência contra a opressão.

### **O uso do *Chelene* no atual contexto matalense em Angola**

Tendo em conta as atividades socioeconômicas da população do Sul de Angola e a conjuntura econômica atual menos favorável no país, muitos indivíduos recorrem a diversas atividades para mitigar a carência familiar, tais como a pesca, agricultura, caça, empréstimos monetários e até mesmo a criminalidade. Mesmo estando ausentes nos locais de serviço, eles procuram a todo custo evitar descontos nos seus ordenados salariais mensais, justificando suas faltas por meio do ritual do Chelene.

### **O uso do *Chelene* nas dívidas**

Quase todos os dias na realidade angolana, ouve-se falar do conceito Kixikila, que é um termo contratual na realidade angolana e está ligado a valores monetários. Procuramos entrevistar alguns cidadãos que já realizaram a Kixikila e a definiram da seguinte maneira:

Kixikila compreende-se como sendo um pacto estabelecido entre pessoas com a finalidade de emprestarem dinheiro sem juros para satisfazer algumas necessidades pessoais urgentes. Entretanto, a Kixikila pode ser entendida como uma solidariedade entre pessoas conhecidas e de confiança máxima, emprestando

dinheiro dos seus salários, onde um recebe o total do salário do amigo e no mês seguinte o amigo também receberá.

Concretamente, a palavra Kixikila etimologicamente deriva do Kimbundo, uma língua nacional angolana, sendo uma junção dos termos “kixi” (deixar) e “kila” (com alguém), significando deixar com alguém. As pessoas que concordam em fazer Kixikila, ao negociarem o contrato, estabelecem a quantia de dinheiro que cada um contribuirá e fazem um somatório do valor multiplicando com o número de membros do grupo. O produto final desta contribuição a ser recebido por cada membro rotativamente é chamado de “bolo” (COSTA, 2011).

Nos contratos de Kixikila, embora no início as partes mostrem um comportamento de concórdia, muitas vezes surgem contradições ao longo do seu cumprimento porque alguns, após beneficiarem-se, furtam-se da responsabilidade de retribuir as mesmas vantagens aos outros alegando desculpas. As mais comuns estão ligadas a doença na família ou por sofrerem descontos salariais, dificultando honrar o compromisso. Quando tal acontece, tem-se observado a paciência e atenuação do parceiro e o compromisso de ressarcir o seu dinheiro no mês seguinte. Em alguns casos, quando o faltoso percebe que não conseguirá honrar o compromisso pela segunda vez, procura tentativas de amenizar o problema recorrendo ao uso do ritual com Chelene. Assim, quando o dono do dinheiro chegar, uma palavra de desculpa será suficiente para aceitação. Até em alguns casos, o faltoso pode pedir novamente um empréstimo de dinheiro ao credor e ser novamente aceite.

O povo Ambundo, de Malanje, em Angola, utiliza um ritual feito pelo Cimbanda para amenizar o furor do credor quando precisa do seu dinheiro, chamado Banze ou Kubanza (pensar). O Cimbanda atribui uma raiz de pequeno tamanho, que será colocada na boca entre a gengiva e a bochecha, quando estiver a falar com o credor, justificando-se sobre o incumprimento da Kixikila. Bastará fazer alguns sopros e mostrar os dentes, assim, as palavras advindas de sua boca serão de aceitação obrigatória e apaziguarão a ira do credor. Outra maneira ritualística de persuasão oral é a Kutulumula u tima. O procedimento é quase semelhante, o Cimbanda coloca um pó da raiz do Chelene na boca do requerente. Após a sua deglutição, o mesmo proferirá as palavras que serão ditas ao credor para aceitar a desculpa. Feito isto, o requerente sairá da presença do Cimbanda sem olhar para trás nem conversar com mais ninguém até encontrar-se com o credor, que aceitará de imediato as desculpas pelo atraso no pagamento da dívida (RIBAS, 1958).

Tanto no primeiro quanto no segundo casos, a colocação da raiz e do pó na boca só são entregues após uma pequena ablução ritualística com Chelene, onde o Cimbanda invoca os espíritos dos ancestrais para intervirem no referido desejo. Logo, o prodígio não está no pedaço da raiz nem no pó em si, mas sim, na atuação espiritual dos antepassados. Outro procedimento ritualístico na realidade matalence, em Angola, passa por escovar os dentes com uma raiz

comumente chamada de Katchilingi tchimwe, que após o procedimento garante a realização de prodígios ligados à aceitação de nossa palavra, mesmo que as mesmas sejam consideradas falsas e sem razão de ser.

O mesmo procedimento ritualístico que serve para furtar-se do pagamento de dívidas também tem serventia para a justificação de faltas nos locais de serviço, bem como para ascender a cargos de direção e chefia. Uma das áreas onde alguns funcionários usam o Chelene é nas nomeações de cargos de chefia e de direção. O funcionário interessado em ascender a cargo de chefia terá de conversar com o titular da área com poderes legais para nomeações de funcionários e pedir ao chefe encarecidamente por uma oportunidade de ascensão na categoria. O referido pedido será feito numa ocasião em que o trabalhador em causa já terá feito a ablução e colocado um amuleto na boca com a referida finalidade. Ainda no contexto laboral, o uso do Chelene e outros amuletos é válido para a justificação de faltas, mesmo que a razão da ausência no local de serviço seja fútil e não convincente. Mesmo assim, a justificação da referida falta será aceita sem desconto salarial.

### **O uso do *Chelene* na agricultura, pesca e caça**

Os povos de língua Bantu se construíram nas práticas da agricultura, pesca e caça. No entanto, não tem sido uma tarefa fácil, mas sim, de constante resiliência no domínio da natureza e na busca de subsistência. Muitas vezes, os animais ferozes têm vitimado os caçadores, o que tem preocupado os praticantes dessa atividade. A maior segurança tanto para os pescadores quanto para os caçadores é garantida pelo uso do ritual do Chelene, que oferece proteção eficaz contra os animais ferozes. O ritual é realizado da seguinte maneira: após a ablução, um amuleto feito de ossos de leopardo é colocado no pulso do caçador, enquanto os pescadores utilizam amuletos feitos de ossos de jacaré. Esse procedimento é tão eficaz que torna os caçadores e pescadores invisíveis perante os animais ferozes, mesmo quando estão a uma distância de apenas um metro. Os animais não reagem. Em alguns casos, um pescador que tenha passado pelo ritual pode até mesmo pisar nas costas de um jacaré sem que o animal perceba. Essas capacidades de proteção pessoal, resultado do ritual, também podem ser aplicadas aos apicultores, que podem trabalhar com as abelhas sem serem percebidos durante a extração do mel.

Os camponeses têm enfrentado sérias dificuldades quando os grãos de massango e massambala começam a amadurecer, pois esses grãos são a preferência das aves. Se os camponeses não se esforçarem para espantá-los, podem correr o risco de ter uma safra prejudicada. O ritual é realizado da seguinte forma: o Cimbanda coloca as folhas e raízes do Chelene em um recipiente com água e, em seguida, coloca uma ou mais gaiolas com pássaros da espécie que costuma

frequentar as plantações e comer os grãos. A gaiola é posicionada sobre a água no recipiente. São feitas invocações aos ancestrais para proteger as plantações e garantir uma boa colheita. Após a realização bem-sucedida do ritual, nenhum pássaro daquela espécie conseguirá identificar uma espiga sequer, mesmo que pouse sobre ela, pois ficará temporariamente cego. Este ritual, na língua Umbundu em Angola, é conhecido como Okuvindika olonjila, que significa "ocultar os pássaros".

## **O uso do *Chelene* na prática criminal**

O Município da Matala é uma das 14 divisões administrativas da Província da Huíla, abrangendo uma área territorial de 9.070 Km<sup>2</sup>. Suas coordenadas geográficas variam de 14° 27' a 16° 03' de latitude sul e de 14° 44' a 15° 34' de longitude oeste. Com uma população de 222.880 habitantes e uma densidade populacional de 25 habitantes por Km<sup>2</sup>, o município é composto por três comunas: Capelongo, Micosse e Mulondo. Limita-se ao norte com o Município de Chicomba, ao sul com os Municípios de Cahama e Ombadja, a oeste com os Municípios de Quipungo e dos Gambos, e a leste com os Municípios da Jamba, Chipindo e Cuvelai. O Município da Matala é o segundo em crescimento e desenvolvimento na Província da Huíla, seguindo o Município do Lubango, a capital da Província.<sup>3</sup>

Neste contexto, os crimes de roubo são uma característica peculiar e comum no Município da Matala. Após a subtração de bens, seja na via pública ou em residências, as vítimas frequentemente sofrem graves agressões e são ameaçadas com armas de fogo. Este uso de armas de fogo durante os roubos tem o propósito de criar pânico nas vítimas, forçando-as a cooperar rapidamente e perdendo a capacidade de resistência.

O uso de armas de fogo nos atos criminais de roubo tem como objetivo primordial criar pânico na vítima, levando-a a cooperar rapidamente e perdendo a capacidade de resistência. Nos casos em que a vítima é ferida ou morta, isso ocorre devido à possibilidade de resistência por parte dela. Registros de ferimentos às vítimas ocorrem quando os criminosos não utilizam armas de fogo, pois o sucesso da subtração dos pertences da vítima depende de agressões físicas intensas. No entanto, quando os agressores estão armados, nem sempre as vítimas são agredidas fisicamente; nos casos mais comuns, elas são mortas ou saem ilesas, dependendo do comportamento da vítima durante o assalto. O roubo com o uso de arma de fogo é mais conveniente para o agressor, pois facilita sua ação, uma vez que a vítima fica psicologicamente imobilizada, incapaz de resistir à entrega de seus pertences. Uma arma de fogo produz uma intimidação tão eficaz que muitos infratores não conseguiriam consumir sua ação sem ela, especialmente se não possuem

---

<sup>3</sup> INE (Instituto Nacional de Estatística). Resultados Definitivos do Recenseamento Geral da População e Habitação – 2014. Luanda – Angola, 2016.

habilidades em artes marciais. Além disso, as armas de fogo nos roubos também servem como autodefesa para o infrator, caso a vítima esteja portando uma arma de fogo (CAMINHAS; FILHO, 2020).

Existem duas tipologias de assaltos criminais: o roubo profissional e o amador, e sua atuação e procedimento variam dependendo das circunstâncias. Os criminosos profissionais costumam planejar meticulosamente suas ações, incluindo o conhecimento completo de suas vítimas e rotinas, o local onde ocorrerá o assalto, as rotas de fuga possíveis, os objetos de intimidação a serem usados durante o assalto e os tipos de agressão física a serem empregados. Esses criminosos planejam todas as medidas de segurança possíveis para evitar serem descobertos, geralmente usando máscaras e falando pouco e com uma voz distorcida durante os assaltos para dificultar a identificação pelas autoridades, pois estão cientes das graves consequências de seus atos (EDUARDO; SILVIA, 2017).

Aqui, está o clímax da discussão sobre os crimes de roubo que resultam em homicídios, principalmente envolvendo mototaxistas no Município da Matala. Embora os mototaxistas geralmente cooperem durante os assaltos, ainda assim são assassinados de forma brutal. Os procedimentos dos criminosos amadores durante os assaltos são diferentes, muitas vezes improvisados, sem planejamento, técnicas para esconder seus rostos ou conhecimento do perfil da vítima e das rotas de fuga. Isso resulta em vários homicídios, pois se uma vítima reconhece um dos assaltantes, o comportamento subsequente dos criminosos é matá-la para evitar denúncias. Além disso, a fuga deles muitas vezes envolve a motorizada da própria vítima, que, em alguns casos, após se afastarem do local do crime por alguns metros, deixa de funcionar por falta de gasolina, forçando-os a abandoná-la para evitar a captura. Isso demonstra a falta de preparo minucioso por parte dos criminosos amadores.

Os criminosos profissionais tratam o roubo como uma profissão e agem com o máximo de cautela possível. Já os amadores, que incluem muitos dos criminosos da Matala que roubam em veículos motorizados, não se preocupam em esconder seus rostos das vítimas, nem em planejar rotas de fuga, pois muitos deles acreditam que o Chelene, uma suposta proteção mística, os torna invisíveis para a polícia. Isso resulta em crimes mais violentos e ousados por parte dos criminosos amadores.

## **Considerações finais**

Neste artigo, discorreremos sobre a prática ritualística envolvendo a planta Chelene, uma tradição de proteção pessoal no Município da Matala, no Sul de Angola. Este ritual tem sido utilizado pelos angolanos, em particular pelas comunidades da Matala, desde tempos remotos.

Qualquer indivíduo pode solicitar o ritual, desde que haja motivos plausíveis e justificáveis, que não prejudiquem a sociedade. Os motivos para solicitar o ritual podem incluir atividades como caça, pesca e até mesmo para resolver dívidas, desde que o devedor ressarça o crédito após o período acordado.

No entanto, é importante destacar que a prática ritualística do Chelene não é bem vista pela comunidade quando seu propósito vai contra a boa convivência social, especialmente quando envolve proteção contra crimes, o que poderia levar os infratores a escaparem da justiça. Por isso, quando a causa é considerada justa, a pessoa responsável por administrar o ritual é designada como Cimbanda. Por outro lado, se alguém administra o ritual com propósitos prejudiciais, não é chamado de Cimbanda, mas sim de Ndingãvi. Isso ocorre porque o Cimbanda é visto como alguém que age para o bem da comunidade e é respeitado, enquanto aqueles que usam o ritual para proteger criminosos são considerados malfeitores, espalhando terror e medo na comunidade. Essa distinção entre Cimbanda e Ndingãvi reflete a importância de utilizar a prática ritualística do Chelene de maneira justa e em conformidade com os valores sociais da comunidade.

## Referências bibliográficas

AZEVEDO, Elisa Dias Ferreira de. **O complexo cultural luandense oitocentista. Reflexões sobre o papel da religião católica na conformação dos 'filhos da terra'**. Dissertação – (Mestrado em História). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

CAMINHAS, Diogo Alves; BEATO FILHO, Claudio Chaves. Todo ladrão vai trabalhar com sua mente: o uso da força e de armas nos assaltos em Belo Horizonte. Minas Gerais: **Dilemas, Revista Estudo Conflito e Controle Social**, vol. 13, n. 3, p. 645 – 667, set. – dez. 2020.

CASTRO, Tamires Gabrielle Resende de. **Diversidade fitoterápica do cerrado: Conhecimento passado entre gerações e uso de plantas medicinais**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal Goiano). Goiânia: Campus Ceres, 2022.

COSTA, Paulo César Pereira da. **Kixikila e Desenvolvimento Local em Angola**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Diversidades Locais e Desafios Mundiais). Lisboa: Instituto Universitário de Lisboa - Escola de Ciências Sociais e Humanas; Departamento de Economia Política, 2011.

ROSA, Celso Alves. **Umbanda de Caboclos**. Rio de Janeiro: ECO editora, 1973.

DEVIENNE, Karina Ferrazzoli Vicente; RADDI, Maria Stella Gonçalves; POZETTI, Gilberto Luís. Das plantas medicinais aos fitofármacos. Conhecimento local de plantas medicinais da caatinga: práticas de ensino voltadas à conservação florística em uma escola pública do Município de Cuité (PB). **Revista Brasileira**, Vol. 6, n. 3, p.11-14, 22 de abril de 2004.

EDUARDO, Paes-Machado; SILVIA, Inoue Viodres. Viagens arriscadas: percepção de medo e gestão coercitiva de vítimas de roubos a ônibus interurbanos. **Espacio Abierto**, v. 26, n. 2, p. 145-167, 3 de março de 2017.

MATEUS, Elsa do Céu Dias de Almeida Frazão. **Ervas que curam. Da 'Terra das Ervanárias' à produção de plantas medicinais e de conhecimento.** Tese (Doutorado em Antropologia, Especialidade de Antropologia da Saúde). Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, 2014.

TAVARES, Irene Brito; NASCIMENTO, Ildon Rodrigues do; MOMENTÉ, Valéria Gomes. Lippia alba: estudos químicos, etnofarmacológicos e agrônômicos. **Revista Brasileira de Tecnologia Aplicada nas Ciências Agrárias.** Guarapuava, Vol.4, n. 1, p. 204-220, Jan/ Abr de 2011.

JERÓNIMO, Miguel Bandeira. **Livros Brancos, Almas negras: a missão civilizadora do colonialismo português. 1870-1930.** Lisboa: Imprensa de Ciências sociais, 2010.

JOSÉ, Curto. **Resistência à escravidão na África: o caso dos escravos fugitivos recapturados em Angola, 1846-1876.** Toronto: Editora Afro-Ásia, 2005.

MATOS, Francisco José de Abreu. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas.** São Paulo: Nova Odessa, Jardim Botânico Plantarum, 2021.

NASCIMENTO, Washington Santos. Gênios da natureza e kimbandas no universo mítico-religioso banto Akwakimbundu. **Por Dentro da África,** Vol. 32, n.95, p. 6-11, 26 de outubro de 2017.

OMOLUBÁ, Ney Nery dos Reis. **Cadernos de Umbanda.** Rio de Janeiro: 2ª edição, Palas editora, 1994.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista.** São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

RIBAS, Óscar. **Ilundo: Divindades e ritos angolanos.** Luanda: Museu de Angola, 2ª edição, 1958.

RITTER, Mara Rajane; SOBIERAJSKI, Graciela da Rocha; SCHENKEL, Eloir Paulo; MENTZ, Lilian Auler. Plantas usadas como medicinais no município de Ipê. **Revista Brasileira de Farmacognosia,** vol. 12, n. 2, p. 51-62, 26 de agosto de 2002.

MELO, Rosa Maria Amélia João. **Para lá da Manipulação dos Espíritos. Crenças e Práticas de Cura entre os Handa no Sul de Angola.** Lisboa: CODESRIA, 2008.

SOUZA, Laura de Melo e. **O Diabo e a terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VEIGA, Júnior Valdir Florêncio; PINTO, Ângelo da Cunha. Plantas medicinais: cura segura? **Química Nova.** Rio de Janeiro, Vol. 28, n. 3, p. 519-528, 28 de fevereiro de 2005.

Recebido em: 13/03/2023

Aprovado em: 22/08/2023